

# A VOZ DOS PRINCIPAIS

BOLETIM CULTURAL E INFORMATIVO DA JUNTA DE FREGUESIA DE VILAR DE FIGOS

SETEMBRO / 92

DIRECTOR: JOAQUIM FIGUEIREDO

N.º 8

## EDITORIAL

*Decorreu durante o mês de Junho no Salão dos Bombeiros Voluntários de Barcelos, uma exposição sobre a imprensa barcelense. Foi possível apreciar o desenvolvimento sentido por este sector desde meados do século passado, sendo divulgadas notícias de natureza política, religiosa, literária, humorística, desportiva e recreativa. Foi-nos também grato ver lá o boletim n.º 1 de «A VOZ DOS PRINCIPAIS» assim como vários outros jornais editados por diversas escolas e associações de muitas freguesias do nosso concelho. É bom sentir a voz do povo, em palavras simples mas cheias de ensinamentos e recordações. Ficamos entusiasmados essencialmente com alguns jornais escolares, feitos com tanta imaginação e criatividade. Todos deviam acarinhar estas iniciativas, pois como dizia Gabriele D'Annunzio, «Toda a beleza recôndita do mundo converge na arte da palavra». Vamos por isso continuar com este nosso trabalho, publicando regularmente notícias da nossa terra e apresentando temas de interesse histórico-cultural. Agradecemos a colaboração de todos os que quiseram apresentar sugestões para melhorar este jornal. Podem divulgar notícias ou escrever artigos de interesse geral da população. O nosso jornal é pequeno mas ainda reservamos algum espaço para informações dos estudantes, da Associação e de outras Entidades que queiram colaborar connosco. Com espírito criativo e com toda a dedicação vamos continuar esta obra, espalhando o nome da nossa terra por todas as localidades onde se encontre um Vilafiguense. Não queremos ver morrer este nosso jornal, pois como dizia um grande poeta português «Tudo vale a pena se a alma não é pequena».*

## UM CASO SÉRIO...

Onde estão OS PRINCIPAIS? Os nossos antepassados mereceram este título pela sua audácia e determinação. Porém, com o decorrer dos anos, parece que a população desta terra adormeceu. O desenvolvimento económico e social é bastante lento e nem sempre há união para enfrentar os grandes desafios. É tempo de despertarmos. Queremos mais empresários a investir em Vilar de Figos. Mais estudantes a completarem os seus cursos superiores e a fixarem-se na nossa terra. É preciso mais obras públicas e privadas para melhorar as condições de vida do nosso povo. Lançamos por isso um alerta. Queremos criar o GRUPO DOS PRINCIPAIS para lutarmos por um futuro mais promissor. Pretendemos unir esforços para o desenvolvimento da nossa terra. Temos visto realizar algumas obras de vulto em algumas freguesias do nosso concelho. Também temos contribuído com a nossa ajuda para algumas dessas obras. Mas não nos podemos esquecer da nossa freguesia. Com o apoio dos Organismos Públicos e com a colaboração dos particulares poderemos executar projectos de desenvolvimento na nossa terra. Por vezes é preciso sacrificar um pouco os nossos interesses individuais para defender os interesses colectivos da comunidade em que vivemos. Para a juventude deverá criar-se o CLUBE DOS PRÍNCIPES. Não temos instalações desportivas que tanta falta nos fazem. Precisamos de desenvolver a cultura e promover actividades recreativas. Contamos por isso com o entusiasmo e a dedicação dos jovens. Queremos despertar o seu interesse por esta maravilhosa terra. Chegou a hora de sabermos quem quer bem à sua freguesia e quer lutar pelo seu desenvolvimento. Precisamos de alguns heróis para a batalha que iremos enfrentar. Queremos continuar a ser os PRINCIPAIS. Por isso, vamos realizar no salão principal da Sede da Junta, uma reunião com todo o povo da freguesia, no dia 11 de Outubro, Domingo, pelas 10 horas, para debater diversos assuntos de interesse para Vilar de Figos. Contamos com a presença dos principais obreiros para os empreendimentos que é preciso edificar.

### SUMÁRIO:

<b>UM CASO SÉRIO...</b>	Pág. 1
<b>OS PORTUGUESES NO MUNDO</b>	Pág. 2
<b>A FOME EM MOÇAMBIQUE</b>	Pág. 3
<b>UM SÉCULO DE ADMINISTRAÇÃO AUTÁRQUICA</b>	Pág. 4
<b>PORQUE SE MORRE NAS ESTRADAS?</b>	Pág. 5
<b>NOTÍCIAS BREVES</b>	Pág. 6
<b>PÁGINA DE POESIA</b>	Pág. 7
<b>LENDAS DO NOSSO POVO</b>	Pág. 8

### SEGUNDA METADE DO SÉCULO XV

O progresso das navegações ao longo da costa africana entre o rio Senegal e a Serra Leoa, desde os tempos do infante D. Henrique até ao reinado de D. João II, permitiu o conhecimento de novas gentes e regiões, originando um relacionamento intenso que justificava a continuação destas explorações. O Papa Nicolau V através da Bula Romanus Pontifex de 8 de Janeiro de 1455, concedeu a D. Afonso V uma série de privilégios determinantes para a continuação da política de expansão atlântica dos portugueses, sendo reconhecido o papel desempenhado tanto na conquista de novas terras como ainda na expansão do catolicismo entre os povos africanos. As duas primeiras fortalezas criadas na costa ocidental de África, foram instaladas pelos portugueses em Arguim e em S. João de Mina. Eram frequentadas pelas caravanas dos mercadores que transaccionavam vários produtos. A feitoria de Arguim foi administrada durante muitos anos por uma sociedade privada que tinha obtido do infante o usufruto do monopólio que ali se verificava, mediante o pagamento de uma renda anual entregue ao infante e ao rei de Portugal. Em S. João da Mina desenvolveu-se o comércio do ouro e depois, dos produtos provenientes dos circuitos europeus e das restantes regiões africanas dando origem à primeira cidade portuguesa na Guiné e principal centro de trocas da África Ocidental. O povoamento das ilhas de Cabo Verde foi difícil devido à falta de riquezas naturais e por ficarem bastante longe do Reino de Portugal não atraindo por isso os colonos. Em 3 de Dezembro de 1460 D. Afonso V doou ao infante D. Fernando herdeiro do infante D. Henrique, as cinco primeiras ilhas descobertas e no dia 19 de Setembro de 1462 essa doação estendeu-se às restantes ilhas do arquipélago. No ano de 1466, D. Afonso V concede aos moradores da ilha de Santiago, a única ilha de Cabo Verde habitada nessa altura, uma carta de privilégios no tocante ao comércio e transporte marítimo. Os navios podiam aqui receber escravos, marfim, cera, arroz, milho, peles, tanto para Portugal como para outros países estrangeiros. Portugal exportava tecidos, biscoitos, vinho e azeite. A ilha de S. Tomé também foi colonizada a partir de 1471, sendo introduzida a produção e comercialização do açúcar nesta ilha, pois era grande a sua procura no mercado europeu. Em 1485, o rei D. João

II publicou uma carta régia de privilégios a favor do seu escudeiro João de Paiva que aceitou ir viver para esta ilha, sendo designado capitão. Foram definidas várias regalias para atrair os colonos que começaram a dedicar-se à criação de gado e ao cultivo e comercialização da malagueta bastante apreciada nessa época. Em Maio de 1483, uma pequena frota comandada por Diogo Cão, chegou ao estuário do rio Zaire. Em 1491, uma nova expedição regressou ao rio Zaire, levando frades, artesãos, operários e mulheres com o objectivo de transformarem o Congo num Estado Cristão sob a protecção portuguesa. Em 1487, Pêro da Covilhã e Afonso de Paiva saíram de Lisboa por ordens de D. João II para descobrir a Terra de Prestes João, que era o único reino cristão naquela zona oriental de África. Afonso de Paiva faleceu pouco depois de partir e Pêro da Covilhã não chegou a transmitir ao rei D. João II os conhecimentos adquiridos na Etiópia nessa altura. Em 1488 Bartolomeu Dias alcança o Cabo da Boa Esperança, trazendo aos portugueses a certeza de ligação entre os oceanos Atlântico e Índico. Começou então a ser preparada com todo o cuidado a armada que sob o comando de Vasco da Gama haveria de descobrir o caminho marítimo para a Índia. Portugal já assim tornando-se no verdadeiro timoneiro das navegações dando desta forma um grande impulso ao comércio mundial. A partir de 1475 gerava-se uma luta entre portugueses e castelhanos pelo exclusivo da navegação e comércio em terras da Guiné. No dia 4 de Setembro de 1479 é celebrado com os Reis Católicos o Tratado de Alcáçovas pondo fim às lutas entre Portugal e Castela. Neste Tratado, os portugueses renunciaram à conquista das ilhas Canárias, obtendo dos Castelhanos autorização para fazer destas ilhas um ponto de abastecimento para as frotas lusitanas no Atlântico. Era também reconhecido o exclusivo português nos mares da Guiné. Foi assim possível consolidar o comércio da Guiné e da região de Serra Leoa abrindo caminho às acções dos mercadores que eram bastante rendosas. Mais tarde, no dia 7 de Junho de 1494 é celebrado o Tratado de Tordesilhas, dividindo o mundo em duas metades através duma linha divisória ao longo do Atlântico, destinando-se a parte ocidental aos descobridores espanhóis e a parte oriental aos descobridores portugueses. Entretanto, Cristóvão

Colombo, vendo o seu projecto rejeitado pelo monarca português D. João II, oferece-se aos Reis Católicos, acabando por descobrir a América em 1492. A grande aventura dos portugueses foi sem dúvida a descoberta do caminho marítimo para a Índia. Vasco da Gama saiu de Lisboa em Julho de 1497 com três naus e um navio de mantimentos. No início de Agosto estava em Cabo Verde e em 8 de Novembro ancorava na baía de Santa Helena. Depois de dobrar o Cabo da Boa Esperança,

foi seguindo para norte, tendo estado na foz do Zambeze, na ilha de Moçambique, em Mombaça e em Melinde onde conseguiu captar as simpatias do sultão local que lhe forneceu um piloto que facilmente os conduziu à Índia. Depois de chegarem à Calecut, Vasco da Gama esforçou-se por estabelecer boas relações comerciais com os povos locais sem qualquer êxito e com muitas dificuldades voltou a Portugal onde foi recebido com grande honra e glória.

## A FOME EM MOÇAMBIQUE

Moçambique é um país da África Oriental com uma área de 784.032 Km<sup>2</sup>. Tem clima tropical com temperaturas elevadas na zona de Tete, sendo mais amenas nos planaltos e na região sul. Tornou-se independente em 1975, depois de cinco séculos de colonização portuguesa. A população é formada por várias etnias: zulus e suázis radicados mais a sul, manhicas, vandaus, chicondas, nhungués, senas, tameses, tongas, govas, pimbes, sengas, nhanjas e ajauas que vivem predominantemente na zona centro e os macondes, macuas e suailes no norte do país. Quando os portugueses deixaram este vasto território, aquando da sua independência, não era sentida a fome e muitos turistas dos países vizinhos, procuravam as zonas urbanas, parques e praias para passarem as suas férias. Assim, se ergueram grandes cidades como Lourenço Marques, Beira, Nam-pula, Quelimane, Ilhambane, Porto Amélia, Vila Cabral, João Belo e Nacala. Os portugueses construíram estradas (cerca de 30.000 Km.), hospitais, escolas, caminhos de ferro (cerca de 3.600 Km.), aeroportos, portos e barragens, sendo Cabora-Bassa a maior de África. Tem um subsolo bastante rico em produtos minerais (carvão, bauxite, berilo, bismutite, lepidolite, microlite, ouro, turmalinas, sal-gema e ferro). A pecuária e a pesca apresentam grandes recursos. A produção de castanha de caju, cana do açúcar, chá, copra, sisal, arroz, batata, algodão, amendoim, tabaco, milho, trigo e mandioca chegou a ser abundante, sendo muitos destes produtos exportados para outros países no tempo dos portu-

gueses. Há também madeiras preciosas (pau-preto, ébano, sândalo, umbila, umbória, jambise, mugonha, pau-ferro, mucarala e ainda outras). Como foi possível com tantos recursos, que este país se tornasse no mais pobre do mundo? A guerra civil, a seca, a falta de democracia política e uma má organização pública deram origem a este estado lastimoso de Moçambique. Muitos portugueses lutaram pelo progresso desta terra como Pedro da Naia, Serpa Pinto, João Azevedo Coutinho, António Enes, Mouzinho de Albuquerque, Neutel de Abreu, Massano de Amorim, Ferreira Gil e Francisco Pedro Curado. Muitos soldados lusos perderam a vida a lutar pela integridade deste grande país. Muitos portugueses que passaram vários anos nesta terra, sentirão agora com mágoa esta triste realidade. Enquanto em alguns países as enormes produções dão origem a muitos desperdícios, noutros, como em Moçambique, há miséria, fome, peste e sofrimento. Onde está a solidariedade humana e o amor ao próximo? Não deve haver distinção de raças ou de cor da pele dos homens que habitam este planeta. A própria C.E.E. podia contribuir mais para minorar a fome e promover o desenvolvimento dos povos africanos que precisam tanto de ajuda como os mais desfavorecidos doutras zonas do globo. Deve por isso o governo português interceder junto da Comunidade Europeia para olhar mais de frente para as necessidades daqueles que também falam a língua portuguesa mas já não têm força para pedir a ajuda de que precisam.

# UM SÉCULO DE ADMINISTRAÇÃO AUTÁRQUICA

Em 2 de Janeiro de 1926, sob a presidência do cidadão mais velho e na presença do regedor João Lopes da Silva Martins Melo, procedeu-se à votação para os diversos cargos da Junta. Foi eleito para Presidente, Joaquim Ferreira dos Santos, para Vice-Presidente e Tesoureiro, José da Costa e para Secretário, José da Costa Silva. Foi deliberado que as reuniões passariam a realizar-se nos primeiros e terceiros Domingos de cada mês em casa do Presidente. Foi nomeado para coveiro o senhor Joaquim José Fernandes. Em Julho desse ano foram dissolvidos todos os Corpos Administrativos por Decreto do Governo, não se tendo realizado nos últimos meses qualquer reunião da Junta por falta de comparência dos seus vogais. Em 18 de Agosto, tomou posse a Comissão Administrativa da Junta, nomeada por alvará do senhor Governador Civil, sendo constituída por Manuel Rodrigues de Brito, Joaquim da Silva Ferreira Figueiredo e José Gomes Fernandes, estando presente a este acto o regedor Manuel Gomes Pereira da Silva. Depois de feito o respectivo compromisso de honra e dada posse pelo regedor, procedeu-se à votação para os diversos cargos, sendo eleito para Presidente, Manuel Rodrigues de Brito, para Tesoureiro, Joaquim da Silva Figueiredo e para Secretário José Gomes Fernandes. Em 14 de Julho de 1929, tomou posse a nova Comissão Administrativa nomeada por alvará do senhor Governador Civil. Estiveram presentes o regedor João Gomes da Costa e os novos membros Manuel Rodrigues de Brito e Joaquim Ferreira dos Santos, faltando o senhor Manuel da Silva Ferreira Figueiredo. Feita a votação, foi eleito para Presidente Manuel da Silva Ferreira Figueiredo e para Vice-Presidente, Manuel Rodrigues de Brito. Foi deliberado aplicar uma multa de 20\$00 ao vogal que faltasse às sessões da Junta sem qualquer justificação. Por alvará de 15 de Outubro de 1929, o senhor Governador Civil decidiu exonerar do cargo o senhor Manuel da Silva Figueiredo por falta de comparência às sessões da Junta, sendo substituído por Domingos Gomes de Figueiredo Barroso que tomou posse no dia 27 de Outubro, na presença do regedor João Gomes da Costa. Foi então eleito para Presidente, Manuel Rodrigues de Brito e para Tesoureiro, Domingos Gomes Figueiredo Barroso, sendo o vogal Joaquim Ferreira dos Santos, nomeado para zelador das estradas, caminhos e cemitério. Em 5 de Novembro de 1937, na presença do regedor José Campos de Sá, compareceram os senhores Manuel Rodrigues de Brito, Cândido da Costa e Silva, Domingos de Sousa Ferreira, Joaquim da Silva Figueiredo, Abílio da Costa e Silva e José Gomes Fernandes que tinham sido eleitos no dia 17 de Outubro para vogais efec-

tivos e suplentes da Junta para o próximo triénio, tomando posse dos seus cargos. Foi então eleito para Presidente, Manuel Rodrigues de Brito, para Secretário, Cândido da Costa e Silva e para Tesoureiro, Domingos de Sousa Ferreira. Foi deliberado também nomear o Presidente da Junta, Manuel Rodrigues de Brito para fazer parte do Conselho Municipal. Em 24 de Janeiro de 1940, o senhor Manuel Rodrigues de Brito pediu licença para ser substituído por 3 meses no cargo de Presidente da Junta, assumindo então a presidência, o secretário, sendo convocado o membro substituto Joaquim da Silva Figueiredo para ocupar o lugar de secretário durante este período. A partir de 1941 devido à reforma do Código Administrativo, passou a haver apenas uma reunião mensal da Junta que se realizava no segundo Domingo de cada mês. Normalmente, durante o mês de Dezembro de cada ano, a Junta apresentava o seu orçamento para o ano seguinte e o respectivo mapa de imposto do trabalho de carro e braçal, que eram postos a reclamação por um prazo de 10 dias. Os faltosos eram comunicados ao Juízo de Execuções Fiscais Administrativas para cobrança coerciva. Em 28 de Julho de 1929, a Junta decidiu proceder ao corte de uma penedisse no lugar do Outeiro que afectava a estrada que ligava Pedra Furada a Cristelo. Em 8 de Setembro de 1929, foi decidido proceder à construção dum cruzeiro no lugar do Souto, em frente ao passeio central do cemitério, ficando esta obra a cargo do senhor Joaquim Ferreira dos Santos, que mediante sua vontade propunha que este cruzeiro ficasse a pertencer à Confraria de Nossa Senhora do Rosário. Em Dezembro de 1931, o Ministro do Comércio anunciou a intenção do Governo em proceder a alguns melhoramentos nas zonas mais desprotegidas. A Junta decidiu então pedir a este Ministério, através da Câmara Municipal, um subsídio para as obras de abertura da estrada de Pedra Furada até Cristelo que foi feita à custa de muito esforço do povo da freguesia, havendo ainda uma dívida a liquidar. Em Janeiro de 1938, a Junta recebeu um subsídio da Câmara Municipal, no valor de 4.600\$00 destinado às obras de alargamento e terraplanagem da nova estrada desde o largo da igreja até à estrada de Milhazes no lugar de Freixieiro. Em Junho desse ano, a Junta decidiu acompanhar melhor os trabalhos da abertura da nova estrada, presidindo a esses trabalhos um dos membros da Junta, alternadamente cada um no seu turno. Em Janeiro de 1939, a Junta decidiu pedir a colaboração de vários lavradores para ajudarem no transporte de cascalho para alguns caminhos que se encontravam intransitáveis, devido à invernia que se tinha verificado ultimamente. No mês seguinte a Junta deliberou requerer à Câmara

Municipal a cedência do imposto de trabalho, a favor da freguesia, não só para reparação de caminhos públicos mas ainda para adiantamento das obras da nova estrada em construção. Em Novembro desse ano, o Presidente da Junta recebeu uma representação de moradores do lugar da Aldeia que pediam a reparação urgente duma parte da nova estrada que devido ao Inverno se tinha tornado intransitável. Foi decidido pedir aos lavradores daquele lugar para fazer o transporte de pedra e cascalho necessários a esta reparação que seria feita pelo cantoneiro da freguesia. Em Março de 1940, a Junta recebeu da Câmara mais um subsídio de 3.000\$00 para os trabalhos de abertura da estrada para Milhazes, sendo decidido pedir também a cedência do imposto de trabalho para as despesas desta obra. No mês seguinte a Junta aprovou um pedido apresentado por Joaquina da Silva Figueiredo para desviar o caminho cerca de 5 metros para o lado nascente, conhecido por cangosta dos loureiros, no largo da cruzinha. Em Dezembro desse ano, a Junta recebeu um subsídio de 2.000\$00 da Câmara Municipal para exploração de água e construção duma fonte pública com

lavadouro no lugar da Igreja. Em Fevereiro de 1941, a Junta resolveu pedir mais uma vez a colaboração dos lavradores para o transporte de pedra miúda para os caminhos que se encontravam em pior estado de conservação. Em Maio desse ano, foi decidido vigiar as fontes públicas porque algumas crianças vagabundas andavam a deitar lixo na água, tornando-a imprópria para consumo. Face à gravidade da situação, foram chamados à responsabilidade os pais ou tutores dos menores delinquentes. Em 13 de Julho de 1941, devido à falta de meios, foi decidido pedir aos membros da Junta e outras pessoas de bem para contribuirem para a despesa com o cemitério, pois o mesmo encontrava-se bastante abandonado, sendo vergonhosa esta situação na altura da festa do Sagrado Coração de Jesus que juntava muita gente de algumas freguesias vizinhas. Em Setembro desse ano, deram-se então início aos trabalhos de exploração de água e construção da fonte do Souto. No próximo artigo a publicar no boletim do mês de Dezembro, iremos debruçar-nos sobre a actividade da Junta desde Novembro de 1941 até Outubro de 1950.

---

## PORQUE SE MORRE NAS ESTRADAS?

Não é só o motorista que abusa da alta velocidade que é culpado pelos acidentes nas estradas. Muitos condutores ainda hoje estariam vivos se usassem os cintos de segurança ou o capacete de protecção. A falta de sinalização e o mau piso de algumas estradas também contribuem bastante para provocar um acidente fatal. A falta de manutenção das viaturas é também a causa de muitos acidentes. Rodar com pouco ar ou com pneus carecas pode encurtar a vida do motorista. As longas viagens no Verão apresentam ainda um perigo maior, pois os pneus sentem o calor mais do que nós porque a temperatura do ar dentro do pneu e da estrada aumentam na proporção da intensidade do atrito. Os pneus com bom piso e bem calibrados podem salvar-lhe a vida. Verifique regularmente o estado dos travões, da direcção e das restantes partes mecânicas da sua viatura. Aprenda também a ser bom motorista reduzindo assim as possibilidades de acidente. Não abuse das bebidas alcoólicas que podem afectar os seus reflexos. Para guiar correctamente ponha a vista cerca de 50 metros à frente, no centro da faixa de rodagem. À noite mantenha a vista bem distante da luz dos faróis procurando vultos escuros na estrada. Mantenha-se bem distante do carro da frente de forma a evitar travagens bruscas. Conserve os olhos em movimento e procure estar atento ao que se passa tanto à sua frente como na sua rectaguarda usando o espelho retrovisor. Um

motorista que venha muito perto da nossa rectaguarda é um perigo e convém deixá-lo passar para não perdermos a nossa margem de segurança. Evite manobras perigosas e certifique-se de que é visto pelos peões e pelos outros motoristas quando tiver de efectuar alguma manobra mais arriscada. Ao ultrapassar um carro avance rapidamente para uma posição em que o outro motorista possa vê-lo e tenha cuidado com a mudança de direcção das outras viaturas. Respeite os peões tanto nas passadeiras como ao longo da berma da estrada. A principal causa dos acidentes está em não nos apercebermos dos perigos enquanto há tempo de evitá-los. Prove também a sua perícia de motorista preparando-se para eventuais emergências críticas. Use a busina quando fôr necessário e utilize as luzes para sinalizar a sua viatura. Se presenciar um acidente estacione o seu carro de maneira que fique protegido, mantendo uma distância suficiente do local do desastre. Se as vítimas do acidente estiverem feridas chame a ambulância e se tiver algumas noções de primeiros socorros deve prestar o seu auxílio. O número de viaturas que circulam nas estradas tem aumentado muito nos últimos anos, tornando o trânsito mais perigoso. Procure por isso conduzir com mais segurança, respeitando as leis do código da estrada e os direitos dos outros. Esteja atento, pois mais vale perder um minuto na vida do que a vida num minuto.

# NOTÍCIAS BREVES

□ No dia 27 de Junho, a Associação promoveu um arraial popular com música, sardinhada, febras, vinho e caldo verde, que esteve animado e bastante concorrido.

★

□ Também a partir desse dia esteve patente ao público uma exposição de trabalhos escolares no salão principal da Sede da Junta.

★

□ A Associação organizou uma excursão a Terras de Barroso e Alto Tâmega, que foi mais um convívio entre os associados do Agrupamento de Convívio e Desporto de Vilar de Figos.

★

□ No mês de Agosto, decorreu no campo do Grupo Desportivo OS MOINHOS, em Paradela, um torneio de futebol entre as equipas das freguesias de Gual, Gilmonde, Vilar de Figos e Paradela. A

nossa freguesia conquistou o primeiro lugar neste torneio com todo o mérito.

★

□ A Junta de Freguesia deu início a uma nova exploração de água para abastecimento público do Jardim de Infância, Cemitério Paroquial, Sede da Junta e moradores interessados na distribuição domiciliária.

★

□ A Junta de Freguesia pediu à Câmara Municipal de Barcelos a pavimentação do Caminho Municipal n.º 1120 que liga as freguesias de Vilar de Figos, Faria e Paradela, de forma a fazer incluir esta obra no Plano de Actividades da Câmara para 1993.

★

□ Vai decorrer no dia 11 de Outubro, pelas 10 horas, no salão principal da Sede da Junta, uma reunião com todo o povo da freguesia para debater diversos assuntos de interesse para Vilar de Figos.

## EXPRESSÕES EM FRANCÊS

- À BEAU JEU, BEAU RETOUR — Para bom jogo, boa recompensa.
- À CHAQUE FOU, SA MAROTTE — Cada doido tem a sua mania.
- AU ROYAUME DES AVEUGLES LES BORGNES SONT ROIS — No reino dos cegos, os zarolhos são reis.
- AUTANT DE TÊTES, AUTANT D'OPINIONS — Cada cabeça, cada sentença.
- AUX GRANDS MAUX, LES GRANDS REMÉDES — Para grandes males, grandes remédios.
- BEAU SANG NE PEUT MENTIR — O bom sangue não pode mentir.
- CHIEN QUI ABOIE NE MORD PAS — Cão que ladra não morde.
- CONTENTEMENT PASSE RICHESSE — A alegria vale mais que a riqueza.
- DEMAIN IL FERA JOUR — Amanhã também é dia.
- GARDE-TOI DE L'HOMME SECRET ET DU CHIEN MUET — Guarda-te do homem calado e do cão mudo.
- IL N'Y A PAS DE FUMÉE SANS FEU — Não há fumo sem fogo.
- LA NUIT TOUS LES CHATS SONT GRIS — À noite todos os gatos são pardos.
- LES BONS COMPTS FONT LES BONS AMIS — As boas contas fazem os bons amigos.
- L'OCASION FAIT LE LARRON — A ocasião faz o ladrão.
- NÉCESSITÉ EST LA MÈRE DE L'INVENTION — A necessidade é a mãe da invenção.
- ON ATTRATE PLUS VITE UM MENTEUR QU'UN VOLEUR — Apanha-se mais depressa um mentiroso que um coxo.
- PAS DE PLAISIR SANS PEINE — Não há prazer sem trabalho.
- UNE HIRONDELLE NE FAIT LE PRINTEMPS — Uma andorinha não faz a Primavera.
- UN HOMME AVERTI EN VAUT DEUX — Um homem prevenido vale por dois.
- VOULOIR C'EST POUVOIR — Querer é poder.

# PÁGINA DE POESIA

## JOÃO DE DEUS

Nasceu em S. Bartolomeu de Messines, no Algarve, no dia 8 de Março de 1830, tendo falecido em Lisboa em 11 de Janeiro de 1896. Era filho de um pequeno comerciante e tirou o curso de Direito em Coimbra, onde se tornou popular como poeta e tocador de viola. Lutou contra o analfabetismo tendo publicado em 1876 a Cartilha Maternal que é um autêntico livro de pedagogia. Publicou alguns livros de poesia, dos quais retiramos os seguintes poemas.

### A VIDA

*A vida é o dia de hoje,  
A vida é ai que mal soa,  
A vida é sombra que foge,  
A vida é nuvem que voa.  
A vida é sonho tão leve  
Que se desfaz como a neve  
E como o fumo se esvai:  
A vida dura um momento,  
Mais leve que o pensamento,  
A vida leva-a o vento,  
A vida é folha que cai!*

*A vida é flor na corrente,  
A vida é sopro suave,  
A vida é estrela cadente,  
Voa mais leve que a ave;  
Onda que o vento nos mares,  
Uma após outra lançou,  
A vida — pena caída  
Da asa da ave ferida —  
De vale em vale impelida  
A vida o vento a levou!*

*E, Deus, Tu és piedoso,  
Senhor! és Deus e Pai!  
E ao filho desditoso  
Não ouves pois um ai!  
Estrelas deste aos ares,  
Dás pérolas aos mares,  
Ao campo dás a flor,  
Frescura dás às fontes,  
O lírio dás aos montes  
— E roubas-ma, Senhor!*

### REMOINHO

*Olha como embrulhado  
Que está ainda o céu!  
E o chão, como ensopado  
Da água que choveu!*

*Foi um dilúvio de água:  
E o furacão que fez,  
Emília, até da mágoa  
Tantos estragos: vês?*

*Esta infliz viúva  
Foi-lhe o telhado ao ar;  
Depois, já nem da chuva  
Tinha onde se abrigar!*

*Demais a mais sozinha,  
Sem ter nenhum dos seus  
Aqui ao pé, ceguinha...  
Bendito seja Deus!*

*Além naquele cerro  
Parece que raspou  
Com uma pá de ferro  
A terra que encontrou!*

*Nem um só pé de trigo  
És lá capaz de ver...  
Já eu disse comigo:  
Como pode isto ser?*

*As árvores arranca  
O vento muito bem,  
Serve-lhe de alavanca  
A rama que ela tem.*

## PENSAMENTOS

- \* Um bom começo é meio caminho andado. — HORÁCIO
- \* Quando as armas falam, calam-se as leis — CÍCERO
- \* Nada é mais certo neste mundo do que a morte e os impostos — BENJAMIM FRANKLIN
- \* O champanhe deve ser frio, seco e de borla — CHURCHILL
- \* A cobiça é a mãe de todos os vícios — SÉNECA
- \* O comilão cava a sepultura com os dentes — THOMAS ADAMS
- \* Aceita conselhos de todos, mas mantém a tua opinião — SHAKESPEARE
- \* O coração tem razões que a razão desconhece — PASCAL
- \* É mais fácil ser crítico do que ser justo — BENJAMIM DISRAELI
- \* Aos vivos deve-se consideração, aos mortos somente a verdade — VOLTAIRE

- \* A falta de dinheiro é a raiz de todo o mal — BERNARD SHAW
- \* Aquele que engana os outros engana-se também a si próprio — LUIGI PULCI
- \* Tudo acaba bem para aquele que sabe esperar — LEO TOLSTOI
- \* Nada é mais fácil do que enganar um homem honesto — GRACIAN Y MORALES
- \* Quando as pessoas dizem mal de ti, vive de modo que ninguém acredite nelas — PLATÃO
- \* Nunca se consegue um amigo se se não tem inimigos — LORD TENNYSON
- \* Gosto dos homens com um futuro e das mulheres com um passado — ÓSCAR WILDE
- \* É bom saber ler nas entrelinhas, assim não se cansam tanto os olhos — SACHA GUITRY
- \* A liberdade é o direito de fazer tudo o que a lei permite — MONTESQUIEU

# O FEITO DO ALCAIDE DE FARIA

## SÉC. XIV

DEFENDE-TE, ALCAIDE!...

... foi o grito que há mais de 600 anos um português notável e militar valente soltou, a plenos pulmões, de encontro às rochas denegridas do Castelo de Faria. Ele mal pôde emití-lo porque dezenas de ferros, surpresos e cruentos, lhe penetraram ferozmente o corpo, cortando-lhe a voz, arrancando-lhe a vida que, por seu grito, comunicava aos defensores do Castelo.

DEFENDE—TE ALCAIDE!...

... foi o grito heróico vivido em 1373, mas que ainda hoje ressoa formidável para quem sobe aquele monte, ara de sacrifício de Nuno Gonçalves, em holocausto à Pátria. Onde quer que o Império tenha chegado, onde quer que um português tenha vivido, lá chegou esse grito da hora suprema pelo qual um homem deu generosa e conscientemente à Pátria a sua vida para que ela pudesse viver. Esse grito chegou até nós. Nós passaremos e ele há-de continuar a ouvir-se sempre forte, sempre nobre e sempre heróico. Heróis da história, heróis da lenda, a todos supera Nuno Gonçalves, valente alcaide do Castelo de Faria, pelo seu enexcedível amor à Pátria.

A MORTE DO ALCAIDE DE FARIA

Mais uma vez o castelhano semeava a ruína e desolação por este infeliz reino, enquanto D. Fernando andava de Santarém para Lisboa e de Lisboa para Santarém. A província de Entre Douro e Minho fora invadida pelo adiantado da Galiza, Pedro Rodrigues Sarmento. O Conde de Ceia D. Henrique Manuel, tio do rei, saiu com a sua pouca gente a barrar-lhe o caminho. Com idêntico fim saiu do Castelo de Faria o seu alcaide moço Nuno Gonçalves, deixando-o entregue a seu filho Gonçalo Nunes. Chegou tarde, pois, já se tinha dado o encontro no qual os castelhanos levaram a melhor, fugindo o Conde para Ponte de Lima. Caiu, assim, o alcaide prisioneiro dos castelhanos. Temendo que o filho entregasse o castelo pela liberdade do pai, agora a ferros, estudou um ardiloso e admirável plano: Que o levassem às proximidades do castelo e ele aconselharia o filho a entregar as chaves. Surtiu efeito a proposta. Conduzido até lá, no meio de muitos homens de armas. De entre eles destacou-se um arauto que saiu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbacan. Todas as bestas se inclinaram para o chão e o ranger das machinas converteu-se num silêncio profundo. «Moço alcaide, moço alcaide! — bradou o arauto — Teu pai, cativo do mui nobre Pedro Rodrigues Sarmento, Adiantando da Galiza pelo mui excelente e temido D. Henrique de Castela, deseja falar contigo de fora do teu castelo».

Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou então o terreiro e, chegando à barbacan, disse ao arauto — «A Virgem proteja meu pai; dizei-lhe que eu o espero». O arauto voltou ao grosso de soldados que rodeavam Nuno Gonçalves, e depois de breve demora, o tropel aproximou-se da barbacan. Chegados ao pé dela, o velho guerreiro saiu d'entre os seus guardadores e falou com o filho: — «Sabes tu, Gonçalo Nunes, de quem é esse castelo, que, segundo o regimento de guerra, entreguei à tua guarda quando vim em socorro e ajuda do esforçado Conde de Ceia?». Respondeu então Gonçalo Nunes: — «É do nosso rei e senhor D. Fernando de Portugal, a quem por ele fizeste preito e menagem». Replicou o pai: — «Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castelo a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruínas dele?». — «Sei oh meu pai!» — prosseguiu Gonçalo Nunes em voz baixa para não ser ouvido pelos castelhanos que começavam a murmurar. — «Mas não vês que a tua morte é certa, se os inimigos percebem que me aconselhasse à resistência?». Nuno Gonçalves, como se não tivesse ouvido as reflexões do filho, clamou então: — «Pois se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do castelo de Faria! Maldito por mim, sepultado sejas tu no inferno, como Judas o traidor, na hora em que aqueles que me cercam entrarem nesse castelo, sem tropeçarem no teu cadáver». Gritou o almocádem cas-elhano: — «Morra o que nos atraçoou». E Nuno Gonçalves caiu no chão atravessado de muitas espadas e lanças.

— «Defende-te alcaide!» — foram as últimas palavras que ele murmurou. Os castelhanos acometeram o castelo mas o orgulhoso Sarmento viu a sua soberba abatida diante dos torvos muros do castelo de Faria. O moço alcaide defendia-se como um leão e o exército castelhano foi constringido a levantar o cerco. Gonçalo Nunes, acabada a guerra era louvado pelo seu brioso procedimento e pelas façanhas que obrara na defesa da fortaleza cuja guarda lhe fora encomendada por seu pai no último transe da vida. Mas a lembrança do horrível sucesso estava sempre presente no espírito do moço alcaide. Pedindo a el-rei que o desonerasse do cargo que tão bem desempenhara, foi depôr ao pé dos altares a cervilheira e o saio de cavaleiro, para se cobrir com as vestes pacíficas do sacerdócio. Ministro do san tuário, era com lágrimas e preces que ele podia pagar a seu pai o ter coberto de perpétua glória o nome dos alcaides de Faria.